

FRANZ KAFKA E MACHADO DE ASSIS: OS LIMITES DA CONDIÇÃO HUMANA E A QUESTÃO DA ANIMALIDADE NOS TEXTOS LITERÁRIOS

Júlia Rodrigues Gonçalves dos Santos
(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

Conheci uma mulher que humanizava os bichos, conversando com eles, emprestando-lhes suas próprias características. Mas eu não humanizo os bichos, acho que é uma ofensa – há de respeitar-lhe a natureza – eu é que me animalizo. Não é difícil, vem simplesmente, é só não lutar contra, é só entregar-se.
(Clarice Lispector)

RESUMO: O objetivo deste ensaio é, ao comparar obras de Franz Kafka e Machado de Assis, investigar como os textos literários apresentam as questões de animalização e humanização de personagens. Entender a razão pela qual o ato do ser humano se animalizar é essencialmente negativo nas literaturas, enquanto que o processo de humanização nos animais literários é retratado de forma diferente, não sendo pejorativo. Definir o que essa relação estabelece com a sociedade ocidental antropocêntrica em que vivemos e qual é a nossa relação com os animais.

Palavras-chave: animalidade; antropomorfismo; literatura.

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.” (KAFKA, 1997, p. 7) É dessa forma que se abre o primeiro capítulo d’A *Metamorfose*, de Franz Kafka (1883-1924). Samsa, personagem principal da novela, um caixeiro-viajante, era o provedor financeiro de sua família. Após entrar em um processo de transformação em um inseto gigante, sua principal preocupação é com a perda do emprego. Metamorfoseado, ele não pode mais exercer seu ofício, sendo, assim, destinado a ficar escondido dentro de seu quarto. Sua família também o rejeita: não era mais importante e nem útil a eles, pois não provinha mais o sustento da casa. Por isso, seus pais, agora, são obrigados a trabalhar. No final da obra, Samsa morre de inanição, e sua família muda de apartamento.

Em *Conto Alexandrino*, de Machado de Assis (1839-1908), é narrada a história de dois cientistas que usam ratos como cobaias de seus experimentos, pois acredita-se que todas as essências humanas estão nos animais. Com isso, queriam comprovar que os ratos possuíam os elementos constitutivos de um larápio e que, ao beber seu sangue, os seres humanos poderiam se tornar ladrões. “[...] Nunca jamais ninguém acreditará que o sangue de rato, dado a beber a um homem, possa fazer do homem um ratoneiro.” (ASSIS, 1884, p. 1). Os cientistas, Stroibus e Pítias, após seus experimentos com os ratos, começam a praticar diversos tipos de furtos. Em consequência disso, são presos. Outros estudiosos da anatomia humana, Herófilo e Ptolomeu, decidem dar continuidade às experiências, mas escolhem os

cientistas presos como cobaias; para eles, seria mais confiável uma experiência de humano para humano a uma experiência de rato para humano. Stroibus e Pítias se tornam cobaias; a experiência seria descobrir se o nervo do latrocínio residia na palma da mão ou na extremidade dos dedos. E eles, assim como os ratos, sofriam e gemiam de dor ao serem cortados e escalpelados.

No recorte deste ensaio, será tratado o processo de animalização que os personagens de ambas as obras passam, ou seja, o ato de deixar de ser humano – ou de ter preceitos humanos – e se tornar animal – ou ser tratado como os animais são tratados, em um contexto antropocêntrico ocidental. Ao mesmo tempo que os personagens são animalizados, eles são proporcionalmente desumanizados. Dessa forma, o objetivo é investigar o limite da condição humana ou o que faz ser humano. Esse limite que pode vir a se fragilizar e o ser humano entrar em um processo de animalização, como Samsa que, literalmente, se transforma em um animal. Na perspectiva de sua família, o personagem se torna um ser obsoleto, sem finalidade. Enquanto que no conto de Machado de Assis, pode-se perceber a animalização conotativa: os cientistas não viram animais de fato, mas, por serem criminosos, isso os colocam em uma condição humana inferior – quase como um rato –, e, assim, é legitimada a experimentação científica com eles.

Vou demonstrar que não só é possível, mas até legítimo e necessário. As prisões egípcias estão cheias de criminosos, e os criminosos ocupam, na escala humana, um grau muito inferior. Já não são cidadãos, nem mesmo se podem dizer homens, porque a razão e a virtude, que são os dois principais característicos humanos, eles as perderam, infringindo a lei e a moral. [...] A verdade é imortal; ela vale não só todos os ratos, como todos os delinquentes do universo. (ASSIS, 1884, p. 6, grifo meu.)

Para compreender o sentido negativo quando um personagem literário é animalizado, precisamos sair do texto e observar a realidade, em um recorte antropocêntrico da sociedade ocidental. O conceito de antropocentrismo, de origem grega *anthropos* + *kentron*, é um pensamento de sistema que coloca o humano na centralidade de todas as questões que o permeiam para o entendimento do mundo e, dessa forma, os outros seres, que estão na margem, são tratados e vistos como meros recursos para o benefício e bem-estar humano. Dessa forma, há uma consciência impregnada de posse e colonização do humano sobre o não humano: nós matamos, comemos, vestimos, usamos e domesticamos os não humanos, ou seja, assentamos autoridade e superioridade sobre os demais seres vivos — condição não exclusiva dos animais.

Donna Haraway, zoóloga e filósofa estadunidense, no seu livro *Quando as espécies se encontram*, no contexto do “sujeito humano autocentrado”, menciona as três feridas narcísicas desenvolvidas por Freud: a copernicana, darwiniana e freudiana. Sendo a segunda, a darwiniana: “[...] colocou o *Homo sapiens* firmemente no mundo das outras criaturas, todas tentando ganhar a vida terrenamente e, desse modo, evoluindo umas em relação às outras, [...]” (HARAWAY, 2022, p. 20). O ser humano é parte da evolução das espécies, ou seja, nossa constituição física se assemelha a outras, mas, apesar disso, ainda assentamos autoridade sobre tudo o que não é humano. Essas feridas narcísicas, pensadas por Freud, refletem sobre a centralidade humana em oposição a qualquer outra coisa não humana, portanto, tudo que não é humano, torna-se seu inimigo. Todavia, ao mesmo tempo que tudo e todos são seus inimigos e uma potencial ameaça, no cenário antropocêntrico, “o restante” também existe para servi-lo. Então, é estabelecida uma relação de proximidade, mas não necessariamente amigável.

Existe uma forte marcação e segregação do que é humano e não humano, visto como o *resto* pela ótica antropocêntrica: “[...] há uma vasta distância fixada entre o humano e o resto.” (COETZEE, 2021, p. 80). Maria Esther Maciel, professora e escritora contemporânea brasileira, estudiosa sobre a temática da animalidade, explica ainda que:

Se, em certos momentos da história do pensamento ocidental, ‘animal’ não excluiu o humano, como na Antiguidade clássica, quando a palavra *anima* foi usada para designar o princípio da vida de todo ser animado, humano ou não, em outros, sua carga semântica foi se formando pela exclusão dos humanos e em contraponto a eles, o que se concretizou de maneira contundente após o triunfo do racionalismo cientificista no mundo moderno, quando a cisão entre homem/animal e humanidade/animalidade se tornou dominante no pensamento ocidental. (MACIEL, 2023, p. 14.)

Jacques Derrida, filósofo franco-argelino, discute a relação entre humano e não humano a partir de uma experiência particular com o seu gato. O autor sugere uma série de reflexões no livro *O animal que logo sou*. O nome da obra faz referência ao aforismo de Descartes: “Penso, logo existo”, que traz a ideia de logos/razão, uma qualidade atribuída essencialmente aos humanos. Derrida traduz “o resto” como “O Animal”, no singular genérico com aspas, termo que também serve para excluir todas as particularidades de todas as espécies animais:

[...] ao uso do singular de uma noção tão geral como ‘O Animal’, como se todos os viventes não humanos pudessem ser reagrupados no sentido comum desse ‘lugar-comum’, O Animal, quaisquer que sejam as diferenças

abissais e os limites estruturais que separem, na essência mesmo do seu ser, todos os ‘animais’, nome que convém então manter-se em princípio entre aspas. (DERRIDA, 2002, p. 64).

Além do *resto* ser tudo o que não é humano, pode-se também entender o *resto* como os “humanos menos humanos”, através das hierarquias. Neste sentido, Paula Glenadel, no ensaio “Crueldade e hierarquias: motivos animais em Hugo e Lautréamont”, explicita “[a] longa história de falta de ética do homem em relação aos animais e aos outros homens, melhor dizendo, os outros do homem, a mulher e a criança, o louco, o inadequado, o estrangeiro, o homossexual, o judeu, o negro...” (GLENADEL, 2019, p.98). Aqui, acrescenta-se a essa lista dos *outros homens*, os cientistas prisioneiros de Machado, uma vez que na condição de prisioneiros, eles perdiam a moralidade humana e, assim, era legitimada a crueldade, travestida de experimento científico, ou seja, estavam em uma condição humana de “menos humano”.

Uma maneira de analisar a forma como tratamos os animais e os enxergamos na sociedade é através do trabalho lexicográfico. Sabe-se que os dicionários carregam a função de registro de um termo e de suas acepções usadas pelos utentes da língua. Vejamos os casos dos verbetes *animalizado* e *humanizado* e suas acepções no Grande Dicionário Houaiss. (1) *Animalizado*: “adj. 1 que desceu ao nível da animalidade (no sentido de ‘brutalidade’); bestializado”; (2) *animalizar*: “v. 3 rebaixar(-se) ao estado de animal; embrutecer(-se).”; (3) *humanizado*: “2 tornar(-se) benévolo, ameno, tolerante; humanar(-se).” Pode-se analisar, então, a partir desses verbetes, como a sociedade ocidental, marcada pelo antropocentrismo, enxerga os animais, como os referem e quais são as relações estabelecidas com esses seres não humanos. O ato de se animalizar está ligado à brutalidade, bestialidade, primitivo, irracional, enquanto o ato de se humanizar está relacionado a algo elevado, quase como um momento de santificação, um elogio. Sabe-se que nós nos comunicamos através da linguagem humana e estabelecemos hierarquias através da nossa própria comunicação, ou seja, é sob o olhar humano, feito por e para nós, que assujeitamos os animais. Assim, os conceitos de *animalizar* e *humanizar*, no mundo ocidental, já são bem definidos e atribuídos como termos que degradam o ser ou o elevam, respectivamente. Como explica Maria Esther Maciel, “[o dicionário] assume seu papel constitutivo de uma concepção negativa e antropocêntrica do mundo zoo.” (MACIEL, 2023, p. 17).

Voltando à literatura, é possível tecer diversos exemplos de obras literárias que tratam do homem na condição animalizada, assim como é possível perceber animais literários em condições humanizadas. Esses são temas interligados, mas que ainda carregam enraizadas as definições dicionarizadas de *humanizar* e *animalizar*, como ser que é elevado ou degradado, conforme explicitado anteriormente. Nas duas obras apresentadas, passar pelo processo de animalização coloca os homens em condições degradantes: obsolescência para Samsa de Kafka e legitimação da crueldade física para os cientistas de Machado.

Dessa forma, há um sentimento humano de colonização, não apenas dos homens sobre outros homens, mas também sobre os animais. Logo, a partir da análise de textos literários em que homens animalizados são tidos essencialmente como inferiores, é possível entender a relação antropocêntrica cristalizada no ocidente. Se existisse outro tipo de relação entre humanos e não humanos – caso os animais fossem seres divinizados, por exemplo –, os textos literários poderiam não estar inundados da carga degradante no ato de *tornar* ou *ser um animal*, o que poderia até ser visto como algo santificado. Em oposição a essa situação, podemos citar o conto “Um relatório para uma Academia”, no livro *Um médico rural* (1999), de Kafka. Nele, um “ex-macaco” relata sua transição de símio para humano. Após ser capturado por seres humanos para experimentação científica, ele entra em um processo de humanização, perde, então, seus traços originais que tinha sendo um animal. Assim, ganha a confiança dos humanos após imitá-los: usa calças, maneja o cachimbo e tem uma linguagem refinada, mesmo sem entender a razão para a emulação, mas percebe que eles o veem diferente agora, para melhor.

Fica evidente, então, a forma distinta de tratamento: Samsa, em processo de animalização, é um ser inútil, bizarro aos olhos de seus pais, enquanto o símio do conto, no processo de humanização, satisfaz os desejos dos humanos e os agradam. É interessante pensar também através do viés da antropomorfização, ou seja, quando seres não humanos ganham atribuições e características humanas. Os humanos do conto de Kafka passam a ter simpatia pelo ex-animal, a partir do momento em que ele ganha aspectos humanos, mas o rejeitam pela sua essência animal. Isso é muito comum nos dias de hoje com a antropomorfização de animais de estimação, os *pets*, como cachorros e gatos (animais humanizados), sendo tidos como “filhos”, o que faz a distinção de tratamento com os outros animais, como bois e galinhas (animais animalizados).

Assim, é possível compreender a razão antropocêntrica pela qual o ato do ser humano se animalizar é essencialmente negativo nas literaturas. Enquanto o processo de humanização nos animais literários é retratado de forma benevolente, o tratamento dado a Samsa e aos cientistas em *A Metamorfose* e *Conto Alexandrino*, respectivamente, é degradante. A situação piora à medida que se afastam de suas características humanas, ganhando repulsão de outros humanos. Tal cenário é a oposição perfeita ao ex-símio, em “Um relatório para uma Academia”, que ganha cada vez mais afeição humana quanto mais se afasta das características animais.

Referências bibliográficas:

ASSIS, Machado de. “Conto alexandrino” in **Histórias sem data**. Volume de contos. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

COETZEE, J. M. **Contos morais**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GLENADEL, Paula. Crueldade e hierarquias: motivos animais em Hugo e Lautréamont. In: GLENADEL, P.; DIAS, A. M. (Org.). **Estéticas da crueldade**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2019..

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. Tradução de Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss**. Disponível em: <https://houaiss.online/houaission/apps/www2/v7-0/html/index.php>. Acesso em: 16 ago. 2024.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KAFKA, Franz. **Um médico rural**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MACIEL, Maria Esther. **Animalidades**: zooliteratura e os limites humanos. São Paulo: Editora Instante, 2023.